Ano 3.º (3.ª fase) | Guimarães, 6 de Novembro de 1926 | Número 155

A VELHA GUARDA

ÓRGÃO LOCAL DO PARTIDO REPUBLICANO PORTUGUÊS

Editor: ALCINDO DIAS PEREIRA

Propriedade da Emprêsa de A VELHA GUARDA

Director: VITORINO SIMÕES LOPES SAMPAIO

Redacção e Administração: Rua 31 de Janeiro, 165—Composto e impresso na Tipografia de A VELHA GUARDA: Rua 31 de Janeiro, 165—GUIMARÃES

E CONTINUAREMOS

Reapareceu a "Velha Guarda„ no momento em que o Partido Republicano Português era violentamente afastado do Poder e acusado de todos os crimes.

Essa atitude de guerra contra o nosso Partido reflectia-se em Guimarães, ameaçando a sua organisação local e tudo fazia crer que os ambiciosos não deixariam de aproveitar tão esplêndida ocasião para se apoderarem de posições que, pelos seus merecimentos, nunca atingiriam e até já se viam, também, ódios esvurmantes, que só a raiva da impotência em espíritos tarados pode explicar, reflorindo por detrás da cautelosa e hipócrita reserva em que, pela fôrça das circunstâncias, por muito tempo se tinham retraído.

E' fácil, pois, de compreender para que reapareceu êste semanário e, portanto, fácil é também prever qual terá de ser o seu programa: defender o Partido Republicano Português, visto que é um jornal essencialmente partidário, declaradamente, bem ostensivamente partidário, e desenvolver a política que o seu Partido adoptou, na administração local, de progresso e de engrandecimento do concelho.

A "Velha Guarda„ não tem que evitar lutas entre republicanos nem que delas se arrecear. Os republicanos estão divididos em vários agrupamentos — com o que a República só tem a lucrar — e cada um dêsses agrupamentos ataca e defende-se, conforme melhor entende para a propaganda dos seus princípios, dos seus planos, das suas ideias.

Nunca nos julgamos, nem nunca ninguém nos julgou, intangiveis, quando administramos o municipio. Fomos feridos e estamos sendo feridos, até na probidade pessoal dos nossos mais dignos e mais sacrificados correligionários, e, se é certo que, intimamente, nos revoltou e revolta, que, em colunas jornalisticas, a qualquer desqualificado seja permitido apodar de gatuno quem não lê pelo mesmo breviário de quem sobre tais colunas superintende, nunca essa justa revolta, até aqui, se chegou a exteriorisar e muito menos nos passou pela ideia que a nossa qualidade de republicanos, se é que nos dão licença de também o sermos, fôsse impedimento para que qualquer outro republicano nos atacasse, mesmo pela forma vil a que, muito acidentalmente, nos estamos referindo.

A "Velha Guarda„ interessa-se, essencialmente, pelo progresso desta terra e está convencida de que o plano de melhoramentos que a vereação escorraçada tinha em execução, é o que melhor realiza êsse almejado progresso. Defende-o, pois. E para o fazer, necessita de combater tudo quanto a actual Comissão Administrativa projecte que, directa ou indirectamente, prejudique êsse plano.

A "Velha Guarda„ quer também, o prestigio da edilidade, quer que os serviços do municipio decorram com regularidade, que os interesses locais sejam devida e competentemente defendidos, que se não desperdicem dinheiros, nem se transforme a administração municipal em isco político para creação de patrulhas. Tem, pois, de criticar e combater tudo o que se lhe afigure contrariar esta sua orientação.

Tem sido mais ou menos viva? Para avaliarmos da rudesa dos seus ataques, necessitamos de olhar para as condições em que o campo adverso se nos tem apresentado.

Não podiamos receber com benévola espectativa quem, pressurosamente, se tinha prestado a facilitar a expulsão dos nossos correligionários, preenchendo os lugares que êles deixassem.

Quem, sem a minima atenção, sem o menor gesto de simples delicadeza ou de boa educação, consentiu em colaborar no pontapé que foi dado a velhos republicanos, cheios de serviços e de sacrifícios à República e pela República, tornando fácil à situação uma obra de ódio que em outras terras se não chegou a conseguir, não podia esperar, da nossa parte, estima nem veneração.

A nossa crítica disso, forçosamente, tem que se ressentir, porque é da condição humana, a reacção contra as afrontas.

E se atendermos a que várias das criaturas que, voluntáriamente, assumiram a responsabilidade de colaboração, que é cumplicidade, no golpe que nos foi dirigido, estavam em condições especiais, umas por serviços recebidos, outras por situações políticas assumidas, e ainda outras por simples relações de estima pessoal, que os obrigariam, se obedecessem a sentimentos nobres, a elementares escrupulos que não tiveram, só haveria que espantar e fazer desconfiar se abrissemos os braços a quem, por maneira tão repugnante, para connosco procedia.

A "Velha Guarda„ tinha pois de começar como começou. E viu-se obrigada ainda a mais; teve de ser violenta. E' que as criaturas a quem nos estamos referindo não se limitaram a tomar a atitude antipatica que deixamos exposta. Foram muito mais longe. Passaram a esquadrinhar, a farejar, todos os cantos e recantos, à busca de gatunices, que supunham ir encontrar na papelada do Município, ou no testemunho de humildes funcionários que, mais nobres do que elas, nem perante as ameaças de demissão se resolveram a mentir para nos comprometer.

Foi então que tivemos de ser violentos: com dois fins: para mostrarmos que quem não deve, não teme e para que o público visse bem que, se as devassas não dessem resultado, não teria sido porque os esbirros tivessem por nós sido comprados.

Desagradou ou desagrada a nossa atitude? Que fazer-lhe? Nem, porisso, a modificaremos. Agrada à nossa consciência e de mais não precisamos.

Continuaremos, imperturbàvelmente, a nossa crítica. Quem quiser, dentro dos amplos limites dessa crítica, o nosso respeito, a nossa consideração, tem que principiar por nos respeitar e por nos considerar, a nós.

A "Velha Guarda„ está em marcha, não para. Despresa as ameaças, vê fundo nos esgares de ódio com que a invejam e continuará caminhando, com passo firme, decidido, mas sereno, sem faltar ao respeito devido a quem o merecer, mas azorragando, como lhe aprouver, àquêles que a ferirem na nobresa dos seus sentimentos e do seu caracter.

ÊSTE NÚMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA.

SÁTIRAS MODERNAS...

(ESTA SECÇÃO E' TRISTE...)

V

A propósito:

Fêz-se a Revolução?!... E para quê?... Dizei...
— Pela ansia do Sól da Liberdade, em vez
Dum trôno — escuridão onde era erguido um rei
A grasnar orações ao Povo Portuguez?...

Sim... P'la ansia do Sól da Liberdade, eu sei...
O trôno derrubou-se e, então, com altivez,
Esse côrvo-real, à voz de clara-lei,
Da Pátria expulso foi p'ra não pôr mais cá os pés!...

. . . . . .

Ilusão!... Ilusão!... A Liberdade é morta!
Anda um vento de insania a uivar à nossa porta
A pergunta fatal, terrivelmente fria:

República, onde estás?!... Nenhuma voz responde!...
República, onde estás!... Sábe-se lá aonde!...
Eu oiço uivar na treva o monstro-monarquia!...

* * *

Mortos: são para vós meus versos neste Dia!
Meu canto é para vós, mas para vós sómente!...
De joelhos eu canto em vossa campa fria
E choro com Saüdade, e réso tristemente!

O vosso Sacrificio imenso — a vilania
Dos homens o 'squeceu, talvez eternamente!...
Mortos: que nos valeu calcar a monarquia
Se tudo isto é agora igual e repelente!...

O nosso Santo Ideal, a Santa Liberdade,
A Paz Fraternidade, o Beijo da Egualdade,
Onde são, onde são, ó Morto que eu adoro?!...

Meu lindo Portugal, meu Portugal amádo,
Ai! cada dia estás mais velho e corcovado!!...
Como aos mortos, por Ti, eu também rezo e choro!...

* * *

E, já agóra, para finalisar:

Creanças, dizei baixinho,
Baixinho, como quem reza,
Com vossas vozes d'arminho
Os versos da Portugueza!

«Heroes do mar, nobre povo»,
Nobre Povo Portuguez,
Tu tens dentro d'alma o fôgo
Da valentia e honradez!

«Nação valente e imortal»,
Mãe estremosa d'Amôr
De Camões e de Cabral,
Mãe do grande Lidador!

«Levantai hoje de novo»,
Com vosso dôce cicío,
O patriotismo do Povo,
Seu orgulho e honra e brio!

«O esplendôr de Portugal»
Mostra-o, sim, a nossa História
Nos seus Feitos sem igual
Ao velho mundo, com Glória!

DELFIM DE VIMARANES.

PROVIDENCIAS

E' indispensavel e urgente que o sr. comissário das obras deite olhos misericordiósos para a reconstrução que se está fazendo da casa do largo do Conego José Maria Gomes, expropriado em parte, para abertura da Rua n.º 1.

Informam-nos que aquilo vai uma miséria. As padieiras de algumas portas e janelas estão partidas pelo meio e escondem-se as fendas ora com terra ora com banhos de cimento. Ha soleiras de janelas feitas de pedaços de pedras seguros com gatos de ferro sem condições de segurança; travejamentos pregados de tôpo, asnas fora do seu logar conveniente para segurança do prédio, etc.

A Câmara deve respeitar os compromissos tomados; os proprietários teem direito a que se lhes construa a casa em condições de segurança, e acima de tudo, é necessário que se respeitem as vidas de quem no prédio venha a habitar.

Dizem-nos que o snr. comissário das obras é meticulosissimo na fiscalização do seu pelouro e que nem um kilo de pregos se pode comprar sem o seu previo consentimento. Salvo melhor opinião, parece-nos que o tempo que perde e faz perder com essas ridicularias, seria melhor emprega-lo em procurar evitar irregularidades desta naturesa, que desprestigiam a Câmara e constituem um perigo público.

Entendemos que se impõe uma vistoria minuciosa por pessoa competente ás obras já feitas.

Prevenindo mal entendidos

Para que as atitudes de cada um fiquem sempre bem esclarecidas, publicamos a seguir a correspondencia que, a propósito do comicio de protesto contra a criação do concelho de Vizela, se trocou entre os snrs. presidente da Comissão Administrativa e Dr. Mariano Felgueiras, deputado e presidente da Comissão Executiva da Camara.

«Ex.mo Snr. Dr. Mariano Felgueiras.

A Comissão Administrativa da Camara Municipal, defendendo os interesses desta terra e a integridade do concelho, resolveu realisar amanhã, 3 do corrente, pelas 15 horas, na Praça de D. Afonso Henriques, se o tempo o permitir, ou no Teatro em caso contrario, um comicio de protesto contra a creação do concelho de Vizela.

Nestes termos, venho em nome da Comissão, a que tenho a honra de presidir, convidar V. Ex.ª a assistir ao referido comicio, rogando a finesa de usar da palavra em defesa dos nossos interesses.

Agradecendo, desejo a V. Ex.ª

Saude e Fraternidade

Guimarães, 2 de Novembro de 1926.

O Presidente,

Duarte Ferreri de Gusmão Souza Fraga.»

*

«Ex.mo Snr. Presidente da Comissão Administrativa da Camara Municipal.

Afastado, violentamente, pela actual situação governamental, dos cargos políticos em que, á sombra do prestigio do meu Partido, estava investido, cumpre-me obedecer ás normas indicadas pelo Directorio desse Partido, conservando-me, serenamente, á margem de todos os acontecimentos, até que justiça seja feita.

A minha presença no comicio, pela Comissão da digna presidencia de V. Ex.ª promovido, podia levar a essa manifestação, que muito aplaudo e desejo seja imponente, um tom politico que, em absoluto, deve ser evitado.

Que os Poderes Publicos só vejam nas palavras que se vão proferir as justas reclamações de um povo que se sente ferido. As minhas poderiam ser tomadas como habilidade ou despeito.

Não significa, pois, menos consideração por V. Ex.ª nem menos amor pela minha terra, que suponho já ter suficientemente demonstrado, a minha recusa em aceder ao honroso convite de V. Ex.ª, acabado agora de receber, para assistir ao comicio que logo se vai realisar contra a creação do concelho de Vizela e usar da palavra em defesa dos interesses do concelho.

Agradecendo, desejo a V. Ex.ª

Saude e Fraternidade

Guimarães, 3 de Novembro de 1926.

a) *Mariano da Rocha Felgueiras*».

«Pro Vimarane»

Reapareceu este nosso colega local, dirigido pelo nosso ilustre e dedicado correligionário, Dr. João Joaquim de Oliveira Bastos.

Os nossos cumprimentos.

Mortos da Grande Guerra

Fala-se na construção de um monumento em honra dos que morreram na Grande Guerra.

Essa ideia já hoje podia estar realisada, se tivesse sido ouvido quem, quando da condecoração da bandeira do nosso regimento, se manifestou contrário a que se gastassem tantos milhares de escudos como se gastaram, em musicas, banquetes e paradas, propondo que essa quantia se aplicasse no custeamento de um monumento a erigir no Largo da Misericordia.

Venceram os partidarios das músicas e banquetes e alguns deles até foram condecorados. Mas, á parte essas condecorações, das musicas que se ouviram e banquetes que se comeram, já hoje nada resta.

E se o dinheiro se aplicasse na construção do monumento, êle aí estaria a lembrar, a todos os instantes, o que foi a gloria dos vimaranenses na guerra e como lhes devemos respeitar e honrar a sua memoria.

Assim nada ha senão palavras soltas e muito-pouco sensatas, até, na parte em que nos badalam que para se construir um monumento é preciso mudar um chafariz.

Deixem-se de mudanças de chafarizes, arranjem dinheiro para o monumento, que sitios próprios não faltam.

Quartel

Tem-se discutido, ultimamente, a forma de se dar aquartelamento condigno e suficiente ás tropas que tenham de ser distribuidas a Guimarães.

Diversas ideias teem surgido: a de transformar o edificio da escola industrial numa cavalariça, revolta-nos; com a construção de abarracamento junto aos Paços dos Duques de Bragança, o que a Comissão Administrativa já resolveu mandar fazer, não concordamos; igualmente discordamos da adaptação de qualquer edificio existente.

Guimarães tem tudo quanto lhe é necessario para resolver o problema de maneira limpa e definitiva.

Em lugar de se construir sentinas e mudar fontes e chafarizes, faça-se um quartel novo, completo, segundo o modelo que o Estado Maior fornecer.

Desassombradamente afirmamos que a Camara vimaranense pode com essa despesa, sem prejuiso das grandes obras iniciadas e que para aí fingem que andam desde que tomou posse a sua Comissão Administrativa.

Nas novas ruas já delineadas, e a conveniente distancia do edificio da Camara, escolha-se o terreno e inicie-se imediatamente a construção, que não pode ser cara, se a souberem administrar, nem demorada, se houver boa vontade.

Ha meio de se conseguir o dinheiro necessário, sem sacrificio de maior e sem que as obras que se iniciaram tenham sequer que continuar na quasi estagnação em que se encontram, e antes se intensifiquem como projectava a vereação deposta.

Temos a certeza de que a Camara que dissolveram já, por esta forma, teria resolvido a dificuldade e nunca mais se poderia dizer que Guimarães não tinha tropa por falta de quartel.

Os Paços dos Duques de Bragança seriam aliviados dos casarões que os escondem e afeiam e o material destes muito ajudaria a construção do novo quartel.

O que estão a fazer é remendar o que não tem remendo possivel, é estragar dinheiro sem que nada se aproveite, é transformar em cavalariças as ruinas monumentais que deviam merecer todo o nosso carinho e respeito.

Suspendam isso para honra de todos nós e ataquem o problema com energia e decisão.

Crime de furto

Incorreram nas penalidades correspondentes ao crime de furto, por força do artigo 9.º § un. do Decreto de 24 de Julho de 1913, com referencia ao artigo 453 do Código Penal, os membros da Comissão Administrativa da Camara que deliberaram descontar, a varios dos seus empregados, 2 % dos seus vencimentos, para seguro dos desastres no trabalho.

Já foi tolice e grande, como demonstraremos quando nos sobrar espaço e vagar, a resolução que os snrs. comissarios tomaram de segurar os assalariados dos mestres de obras que trabalham para a Câmara.

Além de tolice, passou a ilegalidade, o seguro, que fez a Comissão, de empregados que não são abrangidos pelas disposições legais referentes a acidentes de trabalho.

Descontar, porém, qualquer quantia nos vencimentos dos empregados ou salários de operários, a título de cobrir os riscos dos acidentes de trabalho, constitue um crime de furto, previsto e punido pelo Código Penal.

Não aconselhamos os empregados lesados a que apresentem a sua participação em juizo, para perseguição desse crime, porque não seria prestigiante para Guimarães que aqueles que, de facto, representam, bem ou mal, o concelho, fôssem condenados a uma pena que pode ser aplicada a qualquer gatuno de profissão.

Além disso, ninguem duvidará de que, só por ignorância da lei, embora tal ignorância, segundo a mesma lei, a ninguém aproveite, os snrs. comissários, a cuja honorabilidade pessoal prestamos a justiça que merecem, delinquiram.

Mas essa ignorância revela incompetencia e mostra que os snrs. comissarios não estão á altura dos cargos que ocupam.

Não devem, repetimos, os empregados promover o respectivo processo crime, mas podem requerer á Câmara o reembolso das quantias que lhes tenham sido descontadas e, se não fôrem atendidos, recorrer para os tribunais administrativos que, sem duvida alguma, lhes mandarão pagar.

Estrume

Não sabemos por ordem de quem será que tem sido fechada durante a noite a agua da cidade.

E' sabido que o abrir e fechar da agua, nas saídas do depósito, arruina, irremediavelmente, toda a canalização.

A propria experiencia já o tem demonstrado, mais do que o que seria preciso.

Se a agua não chega, fecham-se os marcos e não os depósitos.

Mas o que é pior ainda, é que o depósito está tão limpo e asseado que, pela manhã, quando o abrem, não é agua que sai, é autentico estrume.

Não ha com que lavar a cara, nem com que fazer um simples chá.

Temos demorado esta queixa, esperando que os snrs. comissários sentissem, êles proprios, a falta que faz a agua para se lavarem.

Mas, ou seja porque suas ex.as se lavam com outra agua, ou até sem agua nenhuma, o mal não tem sido remediado.

Encarecidamente pedimos que não nos obriguem a comer estrume.

Gaspar Lopes Martins

De visita a sua familia, vimos nesta cidade este nosso presado amigo e antigo correligionário, figura de grande merecimento no Estado de SantosBrazil.

Concelho de Vizela

Depois do que dissemos no nosso último número, a Comissão Administrativa da Câmara sempre se resolveu a dar sinais de si, relativamente à questão do concelho de Vizela.

Promoveu um comício público, expediu telegramas e representações e lá vai mais uma comissão a Lisboa perder, como as outras, o seu tempo, pelos corredores dos ministérios, sem talvez, conseguir ser recebida pelos generais.

O grupo «Pro Vimarane» percorre agora as aldeias colhendo assinaturas de protesto contra o perigo que ameaça a integridade do concelho.

Oxalá nos enganemos, mas tudo muito tarde já.

Nascimento

Teve a sua delivrance, dando à luz uma robusta creança do sexo feminino, a Ex.ma Snr.ª D. Isabel d'Almeida Leite, virtuosa esposa do nosso amigo snr. Manuel Leite Pereira, empregado superior da casa bancaria Sousa Junior, Sucessores.

António de Padua S. Cardoso

Ha bastante tempo que êste nosso amigo e estimado amanuense da secretaria municipal se encontra retido no leito por uma pertinaz e grave enfermidade.

O seu rapido restabelecimento é o nosso desejo

Tenente Artur R. Dantas

Para Tavira, a assumir a chefia da ex-banda do antigo regimento de infanteria 20, e que para aquela cidade foi desterrada pela ultima reorganisação do exercito, partiu no passado dia 30 este nosso presado amigo.

A Direcção do Orfeão de Guimarães, de que era mui ilustre regente, ofereceu-lhe, em despedida, um delicioso copo d'agua, na séde da Associação dos Empregados do Comércio e a que assistiu grande numero de amigos do homenageado.

Armando da Costa Nogueira

A restabelecer-se da grave enfermidade que ha pouco o acometeu, encontra-se em Coimbra êste nosso presado amigo e correligionário, escrivão de direito nesta comarca.

Transferencia

Para a Repartição Distrital de Finanças, de Viana do Castelo, acaba de ser transferido o nosso presado amigo snr. Domingos Pereira Pinto de Sousa Lobo, secretário de Finanças, colocado neste concelho.

Funcionário recto e cumpridor dos seus deveres, contando aqui inumeros amigos que muito admiram as suas qualidades de trabalho, a noticia da sua transferencia desagradou a todas as pessoas que com ele conviviam.

A «A Velha Guarda» apresenta-lhe os seus cumprimentos de despedida.

Francisco P. Pereira Cardoso

Encontra-se quasi restabelecido da grave enfermidade que ultimamente o reteve num quarto particular do Hospital da Misericórdia, êste nosso presado amigo e correligionário.

O rapto da castelã

(Continuação).

Bermudo quiz vingar a afronta. E fê-lo num olhar desdenhosamente humano para maior humilhação dos seus antagonistas.

Zulei chamou alguém que rápido surgiu no páteo.

— Dá alguns golpes de azorrague nêste escravo! disse êle apontando o infeliz.

Cumpriu-se aquela ordem. Tremeu Selima. Quisera valer ao pobre do Bermudo que negava ao algoz o prazer da sua queixa.

— Vem comigo Al Moluk. Vamos tratar o assunto.

Deixaram êste logar os severos inimigos do Evangelho.

Os dois ficaram sós. Naquela apatia dolorosa quem mais penava era o mancebo escravisado, que, estendido sobre o solo, se contorcia no dilúvio sangrento de horriveis dôres. Porém, nem um gemido traduziu a ferina impressão que lhe houvera causado aquêle açoite. Muda como a Esfinge, Selima admirava aquela grandeza de alma. Bermudo levantara o corpo contundido. A cabeça orgulhosa ergueu-se-lhe imperial.

— Selima, a tua raça é maldita! apostrofou sem dó. Maldita como os filhos de Israel!

— Modera-te, Bermudo! ruflou melodiosa a tibia ismaelita. Pesa-me a dor que horrífica has sentido. Porém, em vão procuras deturpar Allah.

— Caia sobre vós o sangue da inocencia!

— Caía sobre mim a maldição dum louco!!

E duas lágrimas lhe orvalharam os lindos olhos negros.

— Louco eu serei amolentando exausto a dor que ha muito sinto. Primeiro me ouvirás; depois has-de julgar. Ha tempos que a orda insubmissa de Zulei calcou usurpadora o meu torrão natal. As hostes aguerridas de meu pai alçaram lanças, balsões e velhas fundas, correndo às lides envoltas na poeira dos caminhos. Ardua tarefa para quem ataca! Consoladora para quem defende! Eu estava mansamente recostado num dos ângulos do castelo; e preso de esperanças, e tomado de ilusões sorria para uma sombra esbelta de mulher que a meu lado dissertava amenamente. Eu chamo-lhe sombra porque os ferros assassinos de teu pai a trespassaram lés a lés. E foi o caso-que eu ouvi súbitamente atroadoras as trombetas maometanas ecoar no espaço. Olhei surprêso. Ao fundo, na campina devastada, troteavam as guerrilhentas súcias de piratas a branquejar ao sol árduo da tarde. Cercaram-me o castelo! Bermudo fez uma pausa. O suor encharcava-lhe as fontes cálido, impetuoso. Resfolegando alucinado o pêso que sentia, era acalmado pela brisa murmurante que em lufadas sedentes lhe refrescava as abrazadas faces. Mais livre continuou:

— A mim, meus homens! bradei a bom bradar. Ao meu grito acudira toda a gente armada. A moirama, em massa sossobrava por todos os arredores. Desprevenidos como estávamos, parca resistência podiamos oferecer. Foi então que ao longe eu lobriguei confuso as numerosas hostes de meu pai. Tardia redempção! Entretanto, era já acometido o meu castelo. Em vozearia ensurdecedora as bôcas infieis blasfemavam.

(Continua).

Sub-delegado do Procurador da República

Por decreto ultimamente publicado, foi nomeado Sub-delegado do Procurador da Rebública, nesta comarca, o nosso presado amigo e conterraneo snr. Doutor José Pinto Rodrigues.

Cumprimentámo-lo.